

Editorial [PT]

por **Gabriel Barroso**

lagobarroso@gmail.com

DOI: 10.12957/ek.2022.71864

Dossiê

Novas Perspectivas da Fenomenologia

*De agora em diante, prezados convidados,
quero ser considerado como alguém
silenciado e apagado, e cabe a vocês virem
adiante e assumirem meu lugar. De agora
em diante, tudo o que há para ser pensado
nesta reunião deve ser pensado e
considerado verdadeiro somente na medida
em que vocês mesmos o tiverem pensado e
visto como verdadeiro.*

J. G. Fichte,
A Doutrina da Ciência.
Segunda Conferência no ano de 1804

Em uma célebre passagem do ensaio introdutório de *A l'École de la Phénoménologie*, Paul Ricœur afirma que a fenomenologia nada mais é que *a soma da obra de Husserl e de suas heresias* (RICŒUR, 2004, p. 9). Longe de exprimir um juízo polêmico a respeito da história e do destino da fenomenologia, essa afirmação apresenta um diagnóstico preciso do movimento virtuoso de sua formação enquanto uma forma eminente de pensamento filosófico. Ao contrário da tradicional tendência da filosofia de formular um sistema fechado e total de pensamento, é característico da fenomenologia o caráter aberto da pesquisa, que permite sua contínua reformulação e refundação. Como Ricœur afirma, o vasto projeto inaugurado por Husserl não se resume a uma obra capital ou a conjunto de obras específicas; antes, é preciso reconhecer na fenomenologia menos uma doutrina do que um método capaz de múltiplas encarnações, em relação às quais Husserl explorou apenas um número restrito de possibilidades. Este dossiê especial da *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia* assume o diagnóstico de Ricœur como motivo central para apresentar uma reunião de *novas perspectivas da*

fenomenologia. Assim, o fio condutor dos ensaios reunidos neste volume reside menos na reconstrução histórica do pensamento de figuras centrais da tradição fenomenológica do que na exposição de um conjunto de trabalhos cuja pretensão última é a renovação do pensamento fenomenológico no cenário da filosofia contemporânea, recobrando o espírito experimental que a guiou desde sua fundação.

As razões para essa reunião não são extrínsecas à história da própria fenomenologia. Ao contrário, pode-se dizer que este dossiê busca fazer jus à própria natureza do projeto filosófico inaugurado por Husserl com a publicação das *Investigações Lógicas* na virada do século passado. Pois, para o fundador da fenomenologia, esta deveria se estabelecer como um “programa infinito”, que abarca necessariamente o trabalho intersubjetivo e intergeracional de uma comunidade de pesquisadores, transcendendo, por definição, sua identificação com a obra de único autor (Hua I, p. 178). De fato, o caráter infinito da fenomenologia reside em dois aspectos correlatos de seu exercício:

Por um lado, o lema fenomenológico de ir às coisas mesmas, ou seja, de empreender de forma rigorosa a análise das diferentes operações intencionais e dos horizontes da vida da consciência, ergue como medida exclusiva da prática filosófica a evidência obtida na doação dos fenômenos investigados. Isso significa, em primeiro lugar, que o acesso ao fenômeno proporcionado pela redução fenomenológica e sua subsequente análise intencional exclui de antemão o recurso a determinado sistema de pensamento, com sua respectiva gramática e seu conjunto de doutrinas, e exige a cada vez o trabalho renovado com vistas à explicitação dos conteúdos intencionais em questão. Dito de outro modo, se a história da fenomenologia (e da filosofia em geral) sem dúvida oferece problemas a serem resolvidos e um quadro conceitual para a atividade teórica, o primado do fenômeno implica precisamente o potencial e a necessidade de uma contínua reapropriação e refundação da fenomenologia para além dos filosofemas legados pela tradição. Não seria, portanto, injustificado vincular o ideal de “programa infinito” exposto por Husserl a outra de suas convicções elementares, a saber, a de que filosofia fenomenológica é, antes de tudo, uma filosofia de trabalho (*Arbeitsphilosophie*) (Hua VI, p. 104), cujos méritos não residem na formulação de grandes projetos, mas no trabalho minucioso de análise de problemas concretos, e que somente a partir de tal trabalho é possível apreender o verdadeiro significado deste programa filosófico. Seu horizonte infinito, passível de contínua determinação e revisão, e sua arquitetônica essencialmente aberta prenunciam,

assim, a contínua inovação intergeracional da pesquisa fenomenológica, cuja forma contemporânea é documentada neste dossiê.

Por outro lado, soma-se a essa essencial abertura da “coisa mesma” uma outra dimensão, vinculada agora à própria subjetividade que exerce o trabalho sobre o fenômeno. A fenomenologia se organiza em torno a um imperativo ético-filosófico que Husserl chamou em diversas ocasiões de *autorresponsabilidade* (*Selbstverantwortung*) (Hua I, p. 47). Tal princípio de responsabilidade de si é a expressão mais clara do espírito radical da filosofia, na qual o fenomenólogo se deixa guiar pela exigência de uma filosofia pautada pela ausência de preconceitos e, principalmente, que se configure de forma autônoma a partir de evidências últimas. Dessa forma, o critério da pesquisa fenomenológica não reside meramente na consistência lógica de argumentos, mas sim na evidência proporcionada pela análise intencional, evidência essa que jamais pode ser delegada a outro que não o próprio fenomenólogo. Como observou Merleau-Ponty (1945, p. xv), a fenomenologia tem como sua mais importante aquisição “ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo” e, justamente confirmando essa constatação, Husserl dirá em suas anotações tardias sobre a redução transcendental que “*ser fenomenólogo é algo que apenas o fenomenólogo pode experimentar ou conhecer*” (Hua XXXIV, p. 317). Assim, o compromisso com o imperativo de autorresponsabilidade leva à necessidade explícita de que o caminho fenomenológico seja a cada vez percorrido pelo próprio fenomenólogo – ainda que em conflito com as gerações passadas e suas respectivas tentativas –, de tal forma que as novas perspectivas aqui apresentadas podem ser entendidas como expressões múltiplas desse princípio de responsabilidade que exige a constante reformulação e refundação da filosofia fenomenológica.

Dessa forma, há uma *ambivalência* ou um *paradoxo* essencial que atravessa a própria ideia de fenomenologia enquanto um projeto infinito. De um lado, ela se apresenta como uma formação de sentido concretamente presente no mundo da vida, incorporada em uma constelação de obras e manuscritos, isto é, na forma de um edifício pronto e sedimentado, formulado ao longo de gerações, e que se encontra fixado como um entre outros documentos da história do pensamento e da cultura. Sob essa perspectiva, ela também é um “pedaço do mundo”, submetido a um processo de transmissão e que se encontra à nossa disposição. Como todo transcendental e como toda idealidade, também a fenomenologia tem sua “mundanização”, sua entrada no mundo, e se apresenta para nós

a princípio como um *factum* (Hua XV, p. 161). De outro lado, se essa tradição e herança exteriores caracterizam a forma mundana e alienada da cultura em cuja forma a fenomenologia *precisa* se apresentar de início, a subsistência de tal formação histórica não constitui ainda a fenomenologia enquanto tal, ou, melhor dito, representa apenas sua forma *constituída*. Assumir a fenomenologia em sua face *constituente* significa transgredir sua fixação alienada em uma forma histórica pronta e sedimentada, transpondo-se à atitude fenomenológica em que se constituem as formações de sentido históricas. Nesta porta de entrada da filosofia, é restituído a todo ser histórico sua gênese e seu devir; essa operação, que somente pode ser conduzida por mim mesmo enquanto me revelo como sujeito transcendental constituinte do sentido, restaura à fenomenologia sua vida própria, devolve-a a seu elemento, e, principalmente, coloca-a na constante tensão com a rigidez de suas figuras herdadas.

Por essa razão, a ambivalência da fenomenologia, que nada mais é do que a elucidação da vida do sentido em seu movimento de alienação e reapropriação, demanda o constante estabelecimento de novas perspectivas, fazendo do trabalho intersubjetivo e intergeracional ao mesmo tempo a transgressão e a retomada de sua história. Por isso, cabe reconhecer que o caráter inicial da fenomenologia – reiteradamente expresso por Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, para mencionar aqui apenas estes “pais fundadores” da fenomenologia – não é indício de incompletude ou incapacidade de chegar a seu termo, mas corresponde ao movimento interno a ser feito por cada fenomenólogo, por meio do qual se institui o próprio motor da história da fenomenologia. Assim, as novas perspectivas apresentadas neste dossiê podem ser vistas como projetos de transgressão e apropriação da ideia de fenomenologia. Elas se somam às heresias que conformam a abertura da tradição fenomenológica e atestam a vitalidade desta forma de pensamento no cenário contemporâneo.

O dossiê está dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos quatorze artigos que formam um mosaico das diversas perspectivas contemporâneas da fenomenologia. Na segunda seção, temos a honra de publicar a entrevista concedida pelo Professor Róbson Ramos dos Reis, um dos grandes expoentes atuais da fenomenologia hermenêutica, onde ele revisita seu percurso filosófico e trata das possibilidades futuras da filosofia fenomenológica. A terceira seção do dossiê traz a tradução inédita de cinco textos de pesquisadores centrais do movimento fenomenológico contemporâneo, onde o

leitor poderá encontrar um panorama dos novos caminhos trilhados pela fenomenologia no século XXI. A última seção do dossiê conclui com a resenha do livro “Verdade emocional: conteúdo filosófico das experiências emocionais”, de Alice Holzhey-Kunz, feita por Susiane Kreibich.

A **primeira seção** do dossiê é aberta pelo artigo *Jocelyn Benoist nos limites da fenomenologia: percepção, doação, realidade*, de André Dias de Andrade. Reconstruindo as críticas de Benoist à fenomenologia, o texto percorre a obra de um dos autores mais prolíficos da fenomenologia francesa contemporânea para mostrar como seu pensamento se situa na fronteira de um dos pilares da tradição fenomenológica: a equivalência entre o sensível e o aparecer e a relação entre percepção e realidade.

Em seguida, no ensaio *Fragmentação, velocidade e dominação: corporeidade e violência na contemporaneidade*, Marco Antonio Casanova se reapropria de um dos conceitos fundamentais da fenomenologia, o de corpo, para formular os traços elementares de um programa filosófico original em diálogo com Dilthey, Gadamer, Heidegger, Nietzsche e outros. Retomando o tema da corporeidade de uma perspectiva fenomenológica, hermenêutica e existencial, encontra-se em jogo para Casanova desenvolver uma topologia fenomenológica do corpo múltiplo, na qual este é abordado como corpo vivo, como corpo histórico em um modo de organização específico e como corpo em uma constelação relacional determinada. Ao considerar as diversas facetas da corporeidade, o autor empreende ainda uma análise crítica do corpo contemporâneo enquanto corpo marcado pela fragmentação sem unidade.

Os limites da fenomenologia também são o tema das considerações de Anna Luiza Coli em *A crítica de Eugen Fink à fenomenologia de Husserl e sua reproposição a partir do conceito de experiência ontológica*. Coli busca reconstruir neste texto o fio condutor que liga a crítica de Fink à fenomenologia husserliana e os desenvolvimentos posteriores de sua própria filosofia fenomenológica, culminando em um projeto original, ainda a ser recepcionado e explorado, que se caracteriza pelo deslocamento da pesquisa fenomenológica de volta ao problema ontológico.

Em *Husserl and Sellars on the problem of epistemic and categorial givenness*, Daniel Guilhermino expõe o conceito fenomenológico de doação à luz do debate contemporâneo sobre o mito do dado inaugurado por Wilfrid Sellars. Ao analisar se a noção de doação seria uma instância do dado epistêmico ou do dado categorial, Guilhermino defende que esta objeção não se aplica aos diferentes aspectos da teoria de Husserl sobre a doação. Particularmente a respeito da doação categorial, o autor mostra como esta é compreendida na fenomenologia como um processo sintético mediado e articulado, passível de revisão, e que, portanto, não pode ser enquadrada como uma das variantes do mito de um ser último da realidade.

Em *A fenomenologia dos sentimentos de Max Scheler na indicação da constituição do “humano total” (Allmensch)*, Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens e Willian Carlos Kuhn investigam a constituição dos sentimentos na interseção com a antropologia filosófica para mostrar como Max Scheler expandiu a compreensão do espírito humano, deslocando a ênfase de sua concepção tradicional como animal racional para sua realidade emocional. Os autores mostram neste texto como a formulação de uma fenomenologia dos sentimentos em Scheler conduz a uma concepção antropológica na qual o sentimento do amor exerce um papel totalizante no humano, permitindo, com base nisso, elaborar o ideal de “humano total”.

A relação crítica entre fenomenologia e desconstrução é o tema do texto de Ching Lam Janice Law, intitulado *Derrida, ordinary violence and metaphysics of presence*. Partindo da tese de que a temática da violência atravessa toda a obra de Derrida, o texto acompanha os desenvolvimentos deste tópico no ensaio “Violência e Metafísica”. Segundo Law, ao percorrer a filosofia de Husserl, Heidegger e Levinas, Derrida entende que a própria noção de filosofia, considerada enquanto metafísica da presença, constitui-se como uma modalidade específica da violência, que pode ser denominada violência do *logos*.

Seguindo a polêmica com o projeto clássico da fenomenologia, Levinas permanece no foco deste dossiê em *Reflexões sobre as apropriações de Emmanuel Levinas da fenomenologia de Husserl*, de Deodato Rafael Nunes Libanio. Neste texto, o autor reconstrói o programa da ética como filosofia primeira em “Totalidade e Infinito” e “Outramente que Ser ou Mais-Além da Essência”, em confrontação com a fenomenologia transcendental de Husserl e a ontologia fundamental de Heidegger. Se é verdade que há

uma guinada ética em Levinas, a qual tem como ponto de partida a fenomenologia do rosto, o autor busca mostrar em que medida a fenomenologia permanece inscrita com seus temas e estruturas na ética levinasiana.

A clássica confrontação entre Husserl e Heidegger – que constitui, em muitos pontos, a cesura *inaugural* da fenomenologia – é revisitada por Celso Marques Junior em *Heidegger: redução fenomenológica e analítica existencial*. O autor percorre aqui os meandros da década de formação do pensamento de Heidegger, concentrando-se no tema fundamental da crítica heideggeriana à redução e à epoché fenomenológicas e em como tal confrontação abre espaço para o projeto filosófico que culmina em “Ser e Tempo”.

Em *Psicologia e Fenomenologia: uma (aproxim)ação política frente à vulnerabilidade*, Jailton Bezerra Melo baseia-se nas ideias de Martin Heidegger e Hannah Arendt para pensar as bases fenomenológico-existenciais da psicologia. Tomando como fio condutor a vulnerabilidade e a situação de risco como traços fundamentais do existir humano, o autor defende a vocação da fenomenologia para embasar – para além das epistemologias positivistas – a psicologia contemporânea e a prática psicológica. Com isso, tem-se em vista uma ciência psicológica que se constitua em entrelaçamento com um *éthos* humanitário.

A relação da fenomenologia heideggeriana com um dos movimentos filosóficos mais discutidos da atualidade é o objeto das considerações de Tim Miechels em seu ensaio *A Heideggerian Perspective on Speculative Realism*. Partindo da definição de Graham Harman de “realismo real”, segundo a qual o critério da posição realista consiste em considerar todas as relações como igualmente reais, o autor discute a relação problemática de Heidegger com o realismo. Com base nessa definição de realismo, o autor analisa os obstáculos presentes na noção heideggeriana de cuidado (*Sorge*) para satisfazer seu critério, particularmente a ideia de que o ser-aí é o único ente que possui uma relação compreensiva com seu mundo circundante. Recorrendo à filosofia da biologia de Hans Jonas, Miechels coloca em questão tal excepcionalidade do ser-aí e a suposta exclusão dos entes animais de uma relação com o mundo circundante.

Mario Ariel González Porta apresenta uma análise sistemática da filosofia de Richard Höningwald em *Prinzip und Tatsache (Richard Höningwald: su lugar en el Psychologismusstreit y su actualidad)*. Por um lado, o texto de Porta tem o objetivo de introduzir o pensamento de Höningwald ao público latino-americano, ampliando sua

recepção para além do círculo estrito de especialistas em sua obra. Por outro, essa apresentação sistemática revela também a atualidade e relevância de Hönigswald ao mostrar como sua filosofia questiona a separação absoluta entre o empírico e o transcendental que caracteriza o neokantismo e, em certa medida, a fenomenologia. Após expor as teses fundamentais de Hönigswald, Porta esclarece sua posição na polêmica em torno ao psicologismo (*Psychologismusstreit*) e avalia suas diferenças em relação ao neokantismo de Natorp e a fenomenologia de Husserl.

Em *Psicopatologia da liberdade e transtornos do poder-ser: sofrimento existencial e enfermidade mental na fenomenologia hermenêutica e na psiquiatria fenomenológica*, Fernando Rodrigues tematiza uma das questões fundamentais da convergência entre fenomenologia hermenêutica e psicopatologia, a saber, a pergunta sobre as condições de possibilidade do adoecimento psíquico e existencial. Partindo da tese de Thomas Fuchs de que as ameaças à saúde mental e existencial são possíveis em virtude da própria vulnerabilidade antropológica e existencial do ser-humano, o autor localiza a fonte dessa vulnerabilidade naquilo que pode ser chamado, com Heidegger, de liberdade para ser. Com isso, Rodrigues pretende mostrar como psiquiatria fenomenológica da Escola de Heidelberg representada por Fuchs, extremamente relevante nos dias atuais, permanece vinculada a uma herança heideggeriana que chega até ela por meio de Wolfgang Blankenburg. O autor ilustra ainda seus argumentos sobre a vulnerabilidade por meio da análise do filme “Persona”, de Ingmar Bergman.

A fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger permanece no centro do dossiê com *A Fenomenologia segundo a Filosofia de Martin Heidegger*, de Manuela Saadeh. A autora revisita neste texto os traços fundamentais da compreensão heideggeriana da fenomenologia, atravessando em sua análise desde a convergência central entre fenomenologia e ontologia exposta em “Ser e Tempo” até o momento crítico do pensamento de Heidegger, a destruição da história da ontologia, segundo o qual a tradição filosófica ocidental se caracterizou ao menos desde Aristóteles pela determinação por uma compreensão mediana de ser.

O dossiê apresenta ainda um estudo minucioso da noção de fantasia e de devaneio na fenomenologia de Husserl. Em *The productive character of daydreaming: a phenomenological study*, Marcus Sacrini busca esclarecer, de um ponto de vista fenomenológico, em que consiste a produtividade da consciência. Partindo da noção de

presentificação em Husserl, o autor empreende um estudo fenomenológico de uma das modalidades centrais da presentificação, a fantasia, de modo a elucidar a especificidade do livre jogo da fantasia. Em seguida, o autor volta-se para as experiências de devaneio para mostrar como neste fenômeno há um tipo particular de produtividade da consciência, na qual há formas de associação que organizam produtivamente nossa experiência de presentificação sem que ocorra necessariamente algum estímulo sensível oriundo ambiente em que nos situamos.

A primeira seção do dossiê é concluída com o texto de Ángel Xolocotzi Yáñez, intitulado *Heidegger y el carácter afectivo de la metafísica*. Percorrendo a obra de Heidegger desde “Ser e Tempo” até “Contribuições à Filosofia”, o autor analisa as diversas facetas da noção de afetividade no pensamento heideggeriano. Como o autor busca mostrar, a noção de disposição afetiva ocupa um lugar central em “Ser e Tempo”, ganhando o estatuto autônomo de abertura ontológica do existir, que não pode ser reduzido a um simples anexo derivado de uma posição teórica neutra. Já nos textos produzidos a partir da década de 1930 em meio à *Kehre*, a afetividade ganha em Heidegger um papel vinculado ao pensar histórico do ser ou onto-histórico, descerrando as possibilidades do “primeiro início” e do “outro início” do pensamento.

Temos a alegria de apresentar na **segunda seção** do dossiê a entrevista do Professor Róbson Ramos dos Reis, referência central nos estudos sobre Martin Heidegger e fenomenologia hermenêutica, na qual ele reflete sobre sua trajetória filosófica e sobre os horizontes contemporâneos da fenomenologia. A entrevista apresenta um amplo panorama de temas centrais que acompanham o trabalho filosófico do pesquisador, tais como a teoria das modalidades e o sentido existencial de possibilidade, explorados em seu livro “Aspectos da Modalidade: A Noção de Possibilidade na Fenomenologia Hermenêutica” (2014), as possibilidades e limites da naturalização da fenomenologia, a contribuição da fenomenologia para a psicologia experimental do desenvolvimento, a relação entre a filosofia e as ciências da saúde, objeto de suas pesquisas recentes, e os fenômenos da enfermidade e do sofrimento, analisados em seu novo livro, “Câncer infantil, sofrimento e transformação” (2022).

Na **terceira seção** do dossiê, temos o prazer de apresentar a tradução inédita para o português de cinco textos de pesquisadores centrais para as novas perspectivas da

fenomenologia, oferecendo, com isso, uma porta de entrada ao leitor para os diferentes horizontes contemporâneos de refundação do movimento fenomenológico.

A terceira seção é aberta com o ensaio *Contra Neutralitatem: Uma introdução opinativa ao problema da Metafísica na fenomenologia de Husserl*, de Daniele De Santis. O autor retoma neste texto um clássico problema da literatura fenomenológica, a saber, o da relação entre a fenomenologia husserliana e a metafísica. Contudo, o autor parte da constatação de que tal relação foi ou desconsiderada em virtude da suposta “neutralidade metafísica” da fenomenologia, ou considerada quase exclusivamente em termos extrínsecos ao que o próprio Husserl entendia por metafísica. De Santis vai de encontro a essas duas tendências, mostrando que o programa filosófico de Husserl não apenas apresenta um conceito próprio de metafísica, cujo desenvolvimento se dá em paralelo com sua própria compreensão da fenomenologia, mas que tal programa também precisa ser compreendido enquanto a tentativa de prover a fundação para uma metafísica científica. Para isso, o autor aborda as diferentes facetas da compreensão husserliana da metafísica, percorrendo desde o período anterior às “Investigações Lógicas” até as reflexões tardias de Husserl sobre o tema.

Em *Intuição, fenômeno, espaço: considerações fenomenológicas*, Günter Figal revisita duas noções basilares da fenomenologia de Husserl – intuição e fenômeno – em uma leitura do canônico “princípio de todos os princípios” exposto em “Ideias I” e de sua apropriação na fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Figal investiga aqui em qual sentido Husserl e Heidegger falam em intuição e o que faz desta uma intuição *fenomenológica*. Ao explorar tais noções, o autor introduz ainda suas reflexões sobre o espaço, defendendo que as condições de aparição de algo como algo são determinadas a cada vez pela espacialidade que a possibilita. Com isso, Figal apresenta um dos pontos centrais de seu próprio programa fenomenológico, a saber, o primado do espaço na determinação da fenomenalidade dos fenômenos, que o autor formulou sistematicamente no livro “*Unscheinbarkeit: Der Raum der Phänomenologie*” (*Inaparência: O Lugar da Fenomenologia*), publicado em 2015, e, mais recentemente, em textos sobre a experiência estética e a arquitetura, como “*Ästhetik der Architektur*” (*Estética da Arquitetura*), publicado em 2021.

A possibilidade e a necessidade de uma relação entre fenomenologia e ciências empíricas é o tema do ensaio de Thomas Fuchs, *Saídas do túnel do Ego: Sobre o*

significado contemporâneo da Fenomenologia. Neste texto, o autor faz um amplo diagnóstico da recente mudança de paradigma nas ciências empíricas e mostra por que a fenomenologia ocupa um papel essencial nessa transformação, encontrando na relação produtiva com as ciências seu significado contemporâneo. Segundo Fuchs, em áreas distintas como a filosofia da mente, a psicologia e as ciências sociais, observa-se uma crítica crescente ao paradigma até então dominante do naturalismo e do fisicalismo, que, ao defender uma divisão de princípio entre corpo e mente, relega a subjetividade a um “túnel do ego” que atribui à consciência apenas um modelo virtual do mundo. Fuchs busca mostrar como a noção de corpo vivo (*Leib*) desempenha um papel central na crítica e na transformação de tal paradigma, abrindo espaço para a integração da perspectiva de primeira pessoa da fenomenologia com o modelo não-reducionista do enativismo. Essa relação complementar é analisada então nas tendências contemporâneas da neurociência cognitiva, das ciências sociais e da psiquiatria.

No ensaio *O texto da fenomenologia*, Inga Römer volta-se sobre a questão fundamental que confere o fio condutor a este dossiê – o que é a fenomenologia? Ao enfrentar essa questão, o ponto de partida da autora reside em um aparente paradoxo: se a fenomenologia se constitui em sua história intelectual como um movimento de retorno às “coisas mesmas”, como explicar que a fenomenologia contemporânea seja exercida através da leitura e da interpretação dos textos que documentam sua tradição? Não se trata de um esquecimento da própria fenomenologia quando, ao invés de olhar, ouvir e tocar as próprias coisas, o fenomenólogo a converte tacitamente em uma hermenêutica de textos? Para enfrentar essa contradição, Römer defende que a hermenêutica dos textos é um momento necessário para uma fenomenologia que faça jus à sua pretensão crítica. Assim, é preciso formular a ideia de uma fenomenologia crítico-hermenêutica, na qual a interpretação ocupa um papel central, sem que a experiência da coisa mesma seja dissolvida na textualidade e na interpretação. Para Römer, uma fenomenologia verdadeiramente crítica precisa reconhecer dois momentos fundamentais: há, por um lado, uma resistência do sentido da experiência em face de sua expressão linguística que leva a “coisa mesma” a ter de ser sempre reapropriada; por outro, é justamente a interpretação dos textos que nos permite confrontar o sentido da experiência com outras constelações de conceitos e figuras de pensamento que extrapolam nossa época e nosso contexto, constituindo o momento crítico por excelência da fenomenologia.

Por fim, o dossiê conta com o ensaio de Alexander Schnell, *Perspectivas Fundamentais de “As Vibrações do Ser”*, onde o autor apresenta as ideias principais de sua obra “Seinsschwingungen: Zur Frage nach dem Sein in der transzendentalen Phänomenologie” (*Vibrações do Ser: A Questão sobre o Ser na Fenomenologia Transcendental*), publicada em 2020. O ponto de partida do ensaio é a questão sobre em que medida a ontologia pode ser abarcada pela fenomenologia transcendental, levando o autor a expandir os marcos de seu projeto de uma fenomenologia generativa, iniciado em 2015 com a publicação de “Wirklichkeitsbilder” (*Imagens da Realidade*). Percorrendo desde a fenomenologia clássica de Husserl e Heidegger até os recentes desenvolvimentos da nova fenomenologia francesa, Schnell lida no texto com problemas de fronteira da fenomenologia, buscando elucidar a essência e a natureza do próprio campo fenomenológico e da noção de transcendental. O cerne da fenomenologia generativa reside na tentativa de esclarecer a dimensão mais básica da pré-fenomenalidade ou da pré-imanência, que se encontra aquém da dimensão descritiva e fenomenal tematizada pela fenomenologia clássica, e possibilita as próprias estruturas transcendentais que organizam o campo fenomenológico.

Encerrando esta edição, a **quarta seção** do dossiê conta ainda com a resenha de Susiane Kreibich do livro “Verdade emocional: O conteúdo filosófico das experiências emocionais”, de Alice Holzhey-Kunz, publicado em 2021 pela editora Via Verita em sua primeira tradução para o português.

Boa leitura a todos!

Referências bibliográficas

HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. 2a ed. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973. (Husserliana I)

HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976a. (Husserliana VI)

HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Dritter Teil: 1929 – 1935*. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973. (Husserliana XV)

HUSSERL, E. *Zur phänomenologischen Reduktion. Texte aus dem Nachlass (1926-1935)*. Dordrecht: Springer, 2002. (Husserliana XXXIV)

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

RICOEUR, P. *A L'École de la Phénoménologie*. Paris: Vrin, 2004.